



O uso da dramatização na reportagem radiofônica¹

Roscéli KOCHHANN²

Duane dos Reis LÖBLEIN³

Fernanda Kieling PEDRAZZI⁴

Universidade Federal de Santa Maria, Frederico Westphalen, RS.

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo discutir as vantagens e possibilidades da aplicação de elementos da dramaturgia na produção de reportagens radiofônicas. Para isso, são retomados aspectos históricos do meio rádio no Brasil bem como aspectos históricos da dramaturgia no rádio brasileiro. É feito um levantamento dos conceitos relacionados a reportagem, o texto e a apresentação radiofônica. O estudo desses conceitos possibilitou a percepção de onde e como as inserções dramáticas podem ser aplicadas na reportagem radiofônica.

Palavras-chave

Dramatização; Rádio; Reportagem.

Introdução

A presente pesquisa surgiu a partir de um comentário de um membro da banca de avaliação do Expocom Sul 2008. Durante a apresentação de uma radiopeça de autoria das pesquisadoras, a jurada sugeriu avaliar a possibilidade de inserir aspectos da dramaturgia no gênero informativo do rádio. A questão gerou a curiosidade e o interesse em pesquisar as possibilidades do uso da dramaturgia no rádiojornalismo e optou-se, num primeiro momento, em realizar o estudo focado na reportagem radiofônica.

Para a realização da pesquisa, utilizou-se a metodologia da revisão de literatura da área. Considerou-se necessária a retomada da trajetória do rádio e da dramaturgia no rádio brasileiro, além do estudo de aspectos que envolvem a reportagem, o texto e a apresentação radiofônica.

¹Trabalho apresentado no XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado em Natal, RN.

²Autora e apresentadora, acadêmica do 4º semestre do Curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo do Centro de Educação Superior Norte do Rio Grande do Sul de Frederico Westphalen, CESNORS/UFMS – rosceli.ko@hotmail.com

³ Autora, acadêmica do 4º semestre do Curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo do Centro de Educação Superior Norte do Rio Grande do Sul de Frederico Westphalen, CESNORS/UFMS – duaneloblein@hotmail.com

⁴ Orientadora, Professora Assistente do Departamento de Ciências da Comunicação do Centro de Educação Superior Norte do Rio Grande do Sul de Frederico Westphalen, CESNORS/UFMS – fernanda.pedrazzi@gmail.com



Rádio, uma descoberta

Para contar a história do rádio devemos considerar a evolução da tecnologia de transmissão de sinais à distância. É de conhecimento que ela data do final do século XVIII. Entre 1832 e 1837 surge o Código Morse. Já o telégrafo começou a popularizar-se a partir da década de 1840. Segundo Silva (2008) em 1887 foi comprovada a propagação de ondas de rádio por Heinrich Rudolph Hertz e em 1894 Guglielmo Marconi demonstrou a comunicação sem fio. Inicialmente o rádio era conhecido como telégrafo sem fio.

No Brasil, o padre cientista gaúcho Landell de Moura fazia suas próprias experiências, que resultaram na invenção de diversos equipamentos, os quais expôs em São Paulo em 1893 e obteve patente a partir de 1900. O padre Landell tornou-se o precursor nas transmissões de vozes e ruídos, tanto que a carta patente recebida dos EUA reconhecia o seu pioneirismo científico nas telecomunicações (SILVA,2008).

Em 1906 o coronel norte-americano Henry Dunwoody uniu um fragmento de galena (sulfato de chumbo) a uma antena por meio de um arame bem fino. Esse equipamento captava o som pela antena, passeava pelo cristal e era ouvido através de um par de auriculares. Assim surge o Rádio Galena.

Em 1916, um dos funcionários da Marconi Company, o russo David Sarnoff escrevia em memorando que dizia:

Concebi um plano de desenvolvimento que poderia converter o rádio em um meio de entretenimento doméstico como o piano ou o fonógrafo. A idéia consiste em levar a música aos lares por meio da transmissão sem fios. (...) Ao receptor poder-se-ia dar a forma de uma singela caixa de música radiotelefônica, adaptando-a a vários comprimentos de onda de modo que seria possível passar de uma a outra apenas fazendo girar uma chave ou apertando um botão.(...) Também poder-se-ia transmitir e receber, simultaneamente acontecimentos de importância nacional.

Naquele mesmo ano fora instalada a primeira estação estúdio de rádio dos EUA, em Nova York. A história do rádio no Brasil começou na década de 1920.

O rádio no Brasil

De acordo com Ferraretto (2000), a primeira transmissão radiofônica no Brasil aconteceu em sete de setembro de 1922, durante o centenário da Independência, no alto



do Corcovado no Rio de Janeiro. A Westinghouse International Company foi convidada pela Repartição Geral dos Telégrafos para fazer uma demonstração pública de radiodifusão sonora.

No centenário da nossa Independência foram distribuídos 80 receptores a autoridades civis e militares. Ainda nesta data, a Western Electric Company expôs dois transmissores de 500 Watts. Tal evento despertou o interesse de Roquette Pinto, que menos de um ano depois fundou a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. Inicialmente a programação era fortemente ligada à cultura, música e artes e havia poucos membros da elite que possuíam receptores.

Em 1924 a radiodifusão brasileira foi regulamentada pelo Decreto nº 16.657, de novembro de 1924. Houve outros decretos que constituíram a legislação para a radiodifusão, como o Decreto nº 20.047 (de maio de 1931) e o Decreto nº 21.111 (de março de 1932).

Nos anos de 1920 o meio começou a se espalhar pelo país porém ainda não caracterizando um entretenimento de massa. Neste período havia poucos aparelhos receptores apenas com quem pagava mensalidade para sustentar as emissoras. Estas ainda mantinham-se recebendo doações e através da venda de raros anúncios.

Ferraretto (2000) ressalta que na década de 1930 as rádios começam a se configurar como empresas nas quais a competição passava a ditar a programação. Impulsionadas pela industrialização, empresas de diversos setores descobrem o poder do rádio como mídia, e este passa a ser eficaz no estímulo do consumo.

Os anos de 1930 foram marcados pelo impacto e pela inovação. Criou-se a *Voz do Brasil* pelo Departamento de Propaganda e Difusão Cultural do Governo e aparecem os programas de auditório. Surgem os primeiros radiojornais e é fundada a Rádio Nacional do Rio de Janeiro, maior lenda do rádio brasileiro.

O rádio vive sua época de ouro durante a década de 1940. Havia grande concorrência e por isso a conquista de público era muito mais acirrada. Tal dificuldade fez com que algumas programações baixassem o nível, piorando a qualidade do conteúdo para conseguir mais público, ou buscassem novidades, como foi o caso da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, que lançou o Repórter Esso e a primeira radionovela brasileira: *Em Busca da Felicidade* (FERRARETTO,2000).

Com a criação do transistor, um componente eletrônico que permitiu levar o rádio a qualquer lugar, dispensando a energia elétrica, e fazendo surgir o famoso ‘radinho de pilha’, houve um incremento no público.



A década de 1950 foi marcada por produções mais caras e avanço tecnológico, como equipamentos menores e mais leves. Em 1959 passaram a ser prestados serviços de utilidade pública no rádio como achados e perdidos, meteorologia, informações sobre o tráfego, entre outras.

Com o surgimento da televisão, em 1950, o rádio brasileiro passa por dificuldades e perde muitos de seus profissionais e da sua audiência. O rádio buscou várias formas de recuperar seu público. Nos anos de 1960 começaram a funcionar as rádios de frequência modulada, as FM's. Além disto surgiram os primeiros canais fechados, mantidos por assinaturas.

As FM's usavam canais abertos dedicados a música que se caracterizavam por um formato de show, no qual os programas abusavam do diálogo com o público e eram segmentados. Com tantas inovações o rádio foi encerrando a fase de decadência a partir dos anos de 1970.

A informação toma conta dos programas radiofônicos na década de 1980 e surgem as redes. Desde então, o rádio vem se diversificando e se modernizando. Hoje o meio tem versões digitais e começam a ganhar espaço as rádios *on-line*.

As dramatizações no rádio

Um século depois do Padre Landell de Moura iniciar as transmissões de vozes e ruídos no Brasil, alguns gêneros da radiodifusão perderam-se no tempo. O uso do gênero dramático no rádio teve início quando os produtores e empresários perceberam que os ouvintes gostavam de acompanhar programas de entretenimento que trouxessem elementos de seu cotidiano. Através dessa percepção passaram a produzir peças e novelas radiofônicas.

Esses produtos dramáticos traziam características que geravam identificação. Fatos que, segundo González citado por Calabre (2006, p.111) devem manter equilíbrio entre realismo e idealização. Os signos da realidade devem estar presentes para dar verossimilhança mas o imaginário deve ser elevado para dar aos personagens mais intensidade, mais amor, mais riqueza afetiva do que os comuns mortais.

Para Calabre, na obra “O rádio na sintonia do tempo: radionovelas e cotidianos” (2006, p.107), “o consumo do produto será tanto maior quanto o grau de identificação”. Sendo o público alvo majoritariamente feminino, eram o dia-a-dia e as histórias de amor



os temas mais freqüentes. Até mesmo as propagandas veiculadas nos intervalos eram direcionadas as “queridas ouvintes”.

Ferraretto diz que:

As dramatizações podem ser de três tipos: unitária, peça radiofônica, cujo enredo esgota-se em um único programa; seriada, tipo de dramatização periódica em que (...) a estória tem início, meio e fim em cada edição; novelada, o enredo desenvolve-se ao longo de vários capítulos em uma narrativa, portanto, encadeada.(FERRARETTO, 2000, p.58)

Em 1941 as ouvintes brasileiras conheceram *Em Busca da Felicidade* pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro. A primeira radionovela difundida no país era uma adaptação de Gilberto Martins ao texto original do autor cubano Leandro Blanco e foi transmitida durante cerca de três anos.

Durante os Anos Dourados as peças e novelas radiofônicas expandiram-se por grande parte das emissoras do país. O radioteatro fez parte da programação radiofônica durante toda essa década.

Os produtos dramáticos tornaram-se parte do cotidiano das residências brasileiras ditando horários de refeições e gerando discussões que perduravam até o capítulo seguinte. Para Ferraretto (2000), cada produto dramático despertava diferentes sentimentos e debates adaptando-se assim às especificidades do meio.

Apesar de todo o sucesso, as radionovelas e as radiopeças decaíram com o surgimento da televisão na década de 1950. A grande maioria de seus autores, atores e produtores migraram para o novo meio.

Hoje a produção de tramas radiofônicas se limita a poucas emissoras no país, como é o caso da Rádio Amazônia, no Amazonas. A produção mais recente da rádio foi *História do dito Gaioleiro*. Há também alguns cursos de Comunicação e Artes que produzem peças, como os cursos de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina e de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, em sua extensão de Frederico Westphalen.

Radiojornalismo: a reportagem, o texto e a apresentação

Destaque dentre os gêneros radiofônicos, o radiojornalismo explora as características que tornam o rádio um meio adequado de transmissão da informação. Além do imediatismo, o rádio foi o primeiro a dar a notícia inédita e a permitir, assim,



que o homem fizesse parte da história no exato instante em que ela acontece. O programa radiojornalístico é construído atentando para a reportagem, o texto, o som e a apresentação de seu conteúdo.

A reportagem

Alguns autores da temática rádio, como Porchat (1993), definem a reportagem como a base do radiojornalismo. Segundo a autora “os limites da reportagem não estão escritos em nenhum código de ética. Cada situação é específica e exige agudeza de percepção”. (1993, p.49) Na reportagem cada caso é específico e exige muita reflexão.

Para Parada (2000), nos bastidores de uma rádio na qual o principal produto é a informação, todos os funcionários são repórteres. A reportagem envolve tanto o dono da emissora, quanto a secretária, o locutor ou o jornalista. Para o autor, o envolvimento e o trabalho em equipe definem a qualidade do material jornalístico produzido e levado ao ar.

O fundamental é ter o compromisso de levar ao conhecimento da redação aquilo que se vê na rua, no trajeto para a empresa, na conversa com alguém da família, na observação da televisão, enfim, de tudo o que faz a vida na escola, na comunidade, no cinema, no teatro, no *shopping center*, na igreja, onde quer que seja. (PARADA, 2000, p. 30)

O meio rádio possui algumas vantagens quando comparado a televisão e ao impresso. Embora no rádio os programas, na maioria das vezes, tenham hora certa de iniciar e de terminar, o tempo disponível para a veiculação da reportagem é de 24 horas. A qualquer momento que ocorrer algum fato importante, a programação prevista pode ser interrompida e a emissora pode passar a transmitir a informação imediatamente. Esse imediatismo foi fortemente acentuado a partir da popularização do uso de telefones celulares.

Nesse contexto, o repórter tem a função de coletar, elaborar e transmitir a informação através da produção da reportagem (SEPAC, 2003, p. 46). Alguns aspectos devem ser observados no momento em que se produz uma reportagem: é importante que o repórter se mantenha emocionalmente distante dos acontecimentos, que ele ouça a mesma história por vários “ângulos” diferenciados e que ele faça uma pequena introdução a fim de situar o ouvinte na história em pauta.



O texto

A boa construção do texto é fundamental para garantir a qualidade do resultado final de qualquer produção de radiojornalismo. Segundo McLeish (2001), é necessário que se dê ao ouvinte a impressão de que o radialista está falando com ele e não lendo pra ele. Mas, é preciso analisar o texto como apenas uma parte do processo de comunicação que só é realmente efetivado com a verbalização do roteiro.

McLeish (2001) ressalta que, saber exatamente o que se quer dizer é fundamental. Além disso, é importante atentar para a palavra a ser usada. Na maioria das vezes não é a palavra em si que impressiona, mas sim o uso da palavra certa na hora certa. É importante também criar imagens, contar histórias e apelar para todos os sentidos. Visualizar o ouvinte na hora da transmissão é sempre essencial.

Parada descreve como o repórter deve se comportar ao escrever para o rádio.

Escreva como se estivesse falando, contando uma história para uma pessoa que está diante de você. Se puder utilizar apenas uma palavra, não use três. Se um texto rebuscado não é conveniente para uma página do jornal, no rádio é pior ainda. Palavras ou construções que nunca saíram de sua boca tornam o texto artificial no ar, causando ao ouvinte certo desconforto. Mas não tenda aos extremos: nem passe do limite no coloquial, nem ignore a norma culta da língua. O equilíbrio tornará sua redação algo muito próximo da fala natural. (PARADA, 2000, p.50)

Dessa maneira, é necessário atentar-se para produzir um texto objetivo e que consiga passar a informação desejada fazendo uso do menor número de palavras possíveis. Além disso, o texto deve permitir que o locutor passe a impressão de que está contando algo para seu interlocutor, de maneira clara, correta, direta e compreensível.

A apresentação e locução

Conceituado pelo dicionário Aurélio (2001) como o “profissional que apresenta programas, narra eventos esportivos ou faz a leitura de textos”, o locutor é o profissional que faz o uso da fala, o principal instrumento da comunicação radiofônica. Porém, o locutor não deve ser apenas alguém capaz de ler um texto, mas sim um indivíduo capaz de atribuir um significado ao que está sendo dito. Para isso, ele precisa saber exatamente o conteúdo do noticiário. Deve compreender a notícia e fazer a sua



interpretação. Assim, será capaz de passar a ao ouvinte a informação de forma clara e correta.

Além de conferir sentido ao que está sendo dito, é necessário que o locutor domine plenamente a técnica: fazer pausas, colocar expressão no que é dito, sendo convincente ao receptor. E, finalmente, precisa saber fazer uso adequado dos detalhes finais da informação.

Nas emissoras de pequeno porte o locutor, muitas vezes, faz todo o trabalho de produção de texto, sem a presença de um redator. A informação pode chegar ainda direto da agência de notícias ou de um digitador, em momento pouco anterior à notícia ir ao ar, não restando tempo para que o locutor faça uma leitura prévia e corrija os erros.

Existem três aspectos importantes no rádio e que o locutor de notícias deve observar: a ênfase, a inflexão e a pronúncia. A *ênfase vocal*, quando usada de maneira correta torna a leitura mais expressiva contribuindo assim para a produção de sentido do texto radiofônico. Já a má colocação da ênfase, pode alterar totalmente o significado desejado pelo autor da notícia ou reportagem. Destaca-se assim a importância de uma leitura prévia do texto, já que esses aspectos não aparecem no *script*.

Segundo McLeish (2001, p.92) muitos locutores usam a mesma forma de pronúncia das frases. Assim o locutor “começa com uma tonalidade mais baixa, sobe rapidamente e aos poucos vai decaindo, chegando mais uma vez à base, no ponto final”. Portanto, a única maneira de se evitar que as locuções se tornem maçantes ao ouvinte é a utilização de alguma ênfase mais significativa, usada de forma aleatória no texto.

Os erros mais perceptíveis aos ouvintes são as falhas de *pronúncia* de nomes de cidades ou de pessoas. Esse tipo de erro é perigoso já que acarreta a perda da credibilidade da emissora. E, de uma forma ou de outra, o erro no rádio é sempre atribuído a má preparação do locutor, mesmo, muitas vezes, não sendo ele o responsável.

Para haver uma boa apresentação dos textos no rádio, além do domínio dos aspectos técnicos, McLeish (2001) cita que o locutor precisa atentar à importância do ouvinte.

O radialista, ao usar um microfone, deve conscientemente se preocupar com o fato de o ouvinte poder ou não entender o que ele está dizendo. (...) Como ele não conhece pessoalmente o ouvinte, adota a postura de um conhecido e não a de um amigo. Ele é camarada, atencioso, informativo e prestativo. Tem algo a oferecer, mas não se aproveita disso para tirar vantagem, seja exibindo ares de



superioridade, seja assumindo qualquer autoridade especial. O relacionamento é horizontal. Ele não tira conclusões indevidas sobre essa familiaridade nem tampouco abusa do relacionamento, mas sempre se esforça para tornar interessante o que está se dizendo. (MCLEISH, 2001, p.89)

Dessa forma o ouvinte configura-se como peça fundamental na produção do sentido do que é dito. Isso porque o locutor precisa visualizar esse ouvinte, de forma individual, para conseguir transmitir a informação que deseja.

Dramatização da reportagem

Inovar pode parecer difícil mas, em muitos casos, é única solução para sobreviver em épocas de crise. No rádio a regra não é diferente. A história do rádio brasileiro mostra que houve muitas oscilações, resultando em boas e más fases. Um exemplo disso é os anos de 1950, quando o surgimento da televisão acarretou o fim dos Anos Dourados do rádio no país.

Naquela época a solução para reconquistar o ouvinte foi introduzir serviços de utilidade pública ao longo da programação. Além disso, o surgimento de rádios de Frequência Modulada, as FMs, possibilitou a construção de uma programação musical específica para cada tipo de público, atraindo assim a atenção do ouvinte.

Muitas mudanças e aperfeiçoamentos ocorreram nos meios de comunicação nos últimos anos. Especialmente no que diz respeito a tecnologia e ao conteúdo. Enquanto as revistas informam através de palavras e de fotografias, e a televisão usa imagens para manter o seu interlocutor atento, a principal ferramenta do rádio é o som.

O som é definido como todo “ruído” elaborado ou classificado em uma cadeia significativa. A partir desta proposição, considera-se as mensagens sonoras do rádio como uma sucessão ordenada, contínua e significativa de “ruídos” elaborados pelas pessoas, os instrumentos musicais ou a natureza, e classificados segundo códigos da linguagem radiofônica. (BALSEBRE, 2005 p.328)

Quando se fala em som, não se trata apenas da voz do apresentador como também dos ruídos. Estes são utilizados para criar um ambiente e fazer com que o ouvinte imagine a situação retratada da forma mais real possível. A música, os gritos, os bate-bocas, as sirenes, o choro, enfim, toda e qualquer ilustração sonora é capaz de transportar o ouvinte para a situação, facilitando sua compreensão.



A utilização de recursos sonoros no processo de construção de notícia para o rádio é o que chamamos de dramatização da reportagem radiofônica. Essa dramatização tem por objetivo ser o gatilho que vai ativar a imaginação do ouvinte, fazer com que ele produza cenas mentalmente e assim, possa entender com mais facilidade a informação transmitida.

Se os jornais vão exibir a foto dos torcedores chorando a derrota na final do campeonato, você, repórter de rádio, não pode se limitar a dizer que todos choravam quando do término do jogo. Grave o choro, entreviste gente que quase não consegue falar porque as lágrimas não deixam. (PARADA, 2000, p.32)

Assim, a matéria do rádio não pode limitar-se ao relato de uma situação através da voz do locutor ou do repórter que apenas narra um acontecimento como se estivesse no estúdio. Ela deve reproduzir o ambiente. Deve manter o interesse do ouvinte permitindo que, além de ter a informação, ele se sinta parte do cenário descrito.

A utilização de recursos como som ambiente, ruídos, vozes, entre outros, convidam o ouvinte a participar da reportagem, uma vez que são recursos capazes de despertar emoções e sensações.

Nas emissoras norte-americanas, segundo Parada (2000), o som é um recurso muito utilizado na construção das reportagens. Praticamente todas as matérias possuem algum tipo de ilustração sonora. Isso permite que, além de informativo, o produto final se torne diferente e agradável de ouvir.

O aproveitamento desses recursos é determinante para a realização de um bom trabalho radiofônico baseado na informação. Muitas vezes diferencia uma boa reportagem de uma reportagem ruim e faz o ouvinte se sentir mais perto do que está acontecendo. Nas emissoras do Brasil a utilização de elementos como a música e os ruídos não faz parte das reportagens de maneira tão acentuada.

As possibilidades de dramatização na reportagem radiofônica

As contribuições de elementos da dramaturgia na produção da reportagem radiofônica são muito mais que instrumentos para que os ouvintes relembrem determinado fato.

Muitas vezes, a informação cirúrgica, distanciada, fornecida tranquilamente ao som do tiroteio é mais dramática que a emoção



descontrolada e catártica do repórter assustado. O ouvinte precisa saber o máximo sobre o que acontece, para discernir. (SANZ, 1999, p.110)

Pensando nessa necessidade que o ouvinte tem de saber exatamente o que está acontecendo, percebe-se a importância da utilização de elementos da dramaturgia na construção de uma reportagem radiofônica. Várias são as maneiras de se explorar esses elementos. Como dito anteriormente, pode-se trabalhar a música, a utilização de efeitos sonoros, o silêncio, entre outros.

Tais elementos (música, efeitos sonoros e silêncio) podem ser inseridos através da montagem radiofônica a qual possibilita o corte e a colagem do material sonoro alterando assim sua qualidade e natureza.

A música

Para Balsebre (2005, p. 333) “a música é a imagem do rádio”. O ouvinte costuma ter uma relação íntima com a música. Algumas delas lembram algum momento, pessoa ou lugar e essa associação pode ser aproveitada pelo repórter radiofônico em sua reportagem. Tal associação traz a sensação de profundidade espacial dada pela harmonia e também denota movimento e cor através do ritmo e da melodia.

É possível utilizar a música de forma “expressiva quando o movimento afetivo da música cria ‘clima’ emocional e ‘atmosfera’ sonora, e descritiva quando o movimento espacial que denota a música descreve uma paisagem.”(BALSEBRE, 2005, p. 333)

Os efeitos sonoros

A utilização dos efeitos sonoros tem por objetivo a construção de uma realidade referencial. Durante muito tempo esses efeitos eram utilizados apenas como som ambiente com o propósito de produzir uma visualização de paisagens sonoras. Hoje, essa aplicação foi superada, pois o efeito sonoro configura-se como algo maior do que um simples som inarticulado.

O sentido conotativo do efeito sonoro será dado pela justaposição ou superposição deste com a palavra ou com a música. É nesse conjunto harmônico dos distintos sistemas expressivos da linguagem radiofônica que se constrói a especificidade significativa do meio. Por

exemplo, o efeito sonoro da chuva, pode tanto informar a condição do tempo, como estimular, pela associação de idéias, que o ouvinte construa uma imagem de um ambiente subjetivo intimista, solitário. Esta associação convencional se baseia na afetividade suscitada pelo som da chuva nas pessoas com base em arquétipos universais. Assim o efeito sonoro transmite, nesse exemplo, um movimento afetivo e tem, então, uma função expressiva. (BALSEBRE, 2005, p. 333)

Os efeitos sonoros são utilizados ainda com a finalidade de produzir nexos entre as cenas da narração, produzir a mudança de tempo narrativo sem que se faça necessária a utilização de palavras, dar harmonia ao conjunto da obra e fortalecer o envolvimento do ouvinte através da visualização da imagem que esses efeitos criam.

O silêncio

A palavra não tem significado se não for expressada em uma seqüência de silêncio/som/silêncio. Assim, o silêncio e o som determinam a linguagem verbal. Balsebre (2005, p.334) explica que “o silêncio é a língua de todas as fortes paixões, como o amor, o medo, a surpresa, a raiva. Quanto mais intenso for o sentimento menos palavras poderão defini-lo”.

Além disso, o silêncio também pode ser utilizado como uma maneira de provocar a reflexão no ouvinte. É um tempo para pensar, necessário para a compreensão. A partir dessa reflexão, o ouvinte cria condições de adotar algum tipo de atitude ativa na sua própria interpretação da mensagem. Porém, é preciso evitar que se use o recurso do silêncio de maneira exagerada ou prolongada para não comprometer o resultado final do processo comunicativo.

Considerações Finais

A partir do trabalho ficou evidente a necessidade de inovar sempre no meio rádio. Ao longo de sua trajetória, foi isso que permitiu que ele perdurasse, criando as condições de sua sustentabilidade.

Dramatizar a reportagem, por exemplo, não significa torná-la mentirosa ou apelativa, bastando que se saiba o quanto de ilustração sonora pode-se utilizar. Em todos os meios de comunicação é preciso usar as ferramentas que se dispõe com bom senso e bom gosto.



Com a segmentação radiofônica a programação pode ser endereçada previamente a um determinado ouvinte. A dramaticidade na reportagem vem a contribuir neste processo de forma a aproximar a mensagem e o público. O som, quando bem aplicado, desperta a imaginação e aguça a criatividade, gerando curiosidade para os demais fatos que envolvem um acontecimento, tornando-o mais leve e consumível.

Referencias bibliográficas

- ALBANO, Julia Lucia. A peça radiofônica e a contribuição de Werner Klippert. In: MEDITSCH, Eduardo (org). **Teorias do rádio**. Florianópolis: Insular, 2005. p. 191-198.
- ABREU, João Batista de. As receitas de rádio de Walter Alves. In: MEDITSCH, Eduardo (org). **Teorias do rádio**. Florianópolis: Insular, 2005. p.323 – 326.
- BALSEBRE, Armand. A linguagem radiofônica. In: MEDITSCH, Eduardo (org). **Teorias do rádio**. Florianópolis: Insular, 2005. p. 327-336.
- CALABRE, Lia. **O rádio na sintonia do tempo: radionovelas e cotidiano (1940-1946)**. Rio de Janeiro. Casa Ruy Barbosa, 2006. p. 107 – 227.
- FERRARETO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre. Sagra, 2000. p. 57 – 59.
- KLIPPERT, Werner. Elementos da peça radiofônica. In: MEDITSCH, Eduardo (org). **Teorias do rádio**. Florianópolis: Insular, 2005. p. 175-190.
- MCLEISH, Robert. **Produção de rádio: um guia abrangente de produção radiofônica**. São Paulo: Summus, 2001.
- PARADA, Marcelo. **Rádio: 24 horas de jornalismo**. São Paulo: Panda Books, 2000.
- PORCHAT, Maria Elisa. **Manual de Radiojornalismo Joven Pan**. São Paulo: Ática, 1993.
- SANZ, Luiz Alberto. **Dramaturgia da informação radiofônica**. Rio de Janeiro: Gama Filho, 1999.
- SEPAC. **Rádio: a arte de falar de falar e ouvir**. São Paulo: Paulinas, 2003.
- SILVA, Jorge Guimarães. **1906-2006, 100 anos de radiodifusão sonora**. (última atualização em 26/08/2006) Disponível em <<http://telefoniam.no.sapo.pt/100anos.htm>> Acesso em 18/06/2008